

# ECUMENISMO E O PAPA FRANCISCO

## *ECUMENISM AND POPE FRANCIS*

*André Luiz Lemos<sup>1</sup>  
Adriano José Alves Ramos<sup>2</sup>*

**Resumo:** O método teológico do Papa Francisco resgata a temática do Concílio Vaticano II do ser Igreja aberta ao mundo numa postura de diálogo, considerando o homem em sua realidade concreta de pluralidade eclesial e de potencial ecumênico. A partir de uma conversão pastoral, ela está mais preocupada em acolher do que anatematizar, adota uma reflexão teológica em saída que busca compreender e se relacionar em meio aos desdobramentos das variadas profissões de fé cristãs. A contar de uma fé encarnada, compreende que Deus quer a salvação de todos e, adotando um comportamento inclusivista, acolhe o homem que está em constante mudança em sua realidade situada. Trata-se de uma Igreja Sinodal em saída que, de forma especial no Pontificado do Papa Francisco, compreende a urgência de encarnar o Evangelho e viver seu duplo mandamento do amor.

**Palavras-chave:** Ecumenismo. Diálogo. Pluralidade eclesial. Conversão Pastoral. Igreja em saída.

**Abstract:** Pope Francis' theological method rescues the theme of the Second Vatican Council of being a Church open to the world in a posture of dialogue, considering man in his concrete reality of ecclesiastical plurality and ecumenical potential. From a pastoral conversion, she is more concerned with welcoming than anathematizing, adopting an outgoing theological reflection that seeks to understand and relate to the developments of the various professions of Christian faith. Based on an incarnated faith, he understands that God wants the salvation of all and, adopting an inclusive behavior, welcomes man who is constantly changing in his situated reality. This is an outgoing Synodal Church that, especially in the Pontificate of Pope Francis, understands the urgency of incarnating the Gospel and living its double commandment of love.

**Keywords:** Ecumenism. Dialogue. Ecclesiastical plurality. Pastoral Conversion. Church on the way out.

## **Introdução**

O Papa Francisco expressa a visão positiva que a Igreja Católica tem do atual pluralismo eclesial e apresenta a sua contribuição para que essa realidade não seja motivo de conflitos. Assume a proposta conciliar do diálogo com as outras Igrejas apresentando critérios e princípios para a busca da comunhão na fé, exorta a que seus fiéis se relacionem

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia Pastoral pela PUC-SP. Especialista em Revisão de Textos pela PUC-MG (2008). Especialista em Design Instrucional pelo SENAC (2023). Graduado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2012) e em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2007). Atualmente é professor da Faculdade João Paulo II, designer instrucional e revisor de textos EAD da Faculdade João Paulo II. [lemosal1976@gmail.com](mailto:lemosal1976@gmail.com)

<sup>2</sup> Discente do 3º Ano de Teologia da Faculdade João Paulo II (FAJOPA).

positivamente com os fiéis de outras Igrejas, colaborem com eles e se integrem em organizações ecumênicas pelas quais se desenvolvem um diálogo multilateral e bilateral. O movimento ecumênico é assumido na doutrina católica como um impulso da ação do Espírito Santo (UR 2-12). O Papa Francisco, amparado pelo ensino e esforço de seus predecessores, de forma especial pelo espírito do Concílio Vaticano II, defende que somos peregrinos e que peregrinamos juntos, uma peregrinação que não deve ser marcada pelo medo, mas pela paz do rosto do único Deus (EG 244). “Assim, o Papa Francisco dá a sua contribuição para que as Igrejas se ajudem mutuamente na compreensão, vivência e testemunho da fé em Cristo e do seu Evangelho” (WOLFF, 2019, p. 52). Segundo Francisco, as várias Igrejas cristãs devem ser para nós fonte de iluminação que não nos diminuem, pelo contrário, enriquece-nos em nossa fé e na comunidade onde vivemos. Cuidar do crescimento espiritual das nossas comunidades é orientar os corações para a verdade e para os valores cristãos, ser bênção onde vive o nosso povo (FRANCISCO, 2015, não paginado).

### **1. Concílio Vaticano II, uma igreja em saída e a abertura ao ecumenismo**

O Concílio Vaticano II preocupou-se em oferecer aos fiéis e ao mundo todo um ensinamento mais preciso a respeito da natureza e missão universal da Igreja, Sacramento que une Deus ao gênero humano através do anúncio de Cristo, Luz dos povos. Nesse sentido, estabelecer diálogo e proximidade com as novas configurações sociais e Igrejas (comunidades de fé) trata-se de uma necessidade que nos enriquece e nos permite partilhar tamanha riqueza que possuímos no Depósito da Fé e na vida sacramental. “Ao abrir-se para o mundo, a Igreja percebe que não é a única voz religiosa nem a única orientação espiritual dos cidadãos” (WOLFF, 2019, p. 51). Aqui reside a pedra de toque da metodologia teológica do Papa Francisco: “a libertação da autorreferencialidade, a renovação a partir das fontes do Evangelho, o serviço às pessoas. A Igreja em saída é uma eclesiologia em saída, uma teologia em saída!” (PASSOS, 2018, p.17). A Igreja Católica, através do Concílio Vaticano II, entendeu a necessidade do diálogo com o mundo cada vez mais plural em todos os sentidos, e a questão da pluralidade eclesial faz parte deste arcabouço. Por isso, quando a Igreja assume esta realidade como um “problema”, do qual ela não pode se eximir, ela concomitantemente assume e encarna a sua missão de apresentar ao mundo a beleza do Evangelho, a beleza da vida em Cristo ressuscitado. Desta forma, podemos dizer que o presente momento que vivenciamos é de encontro, da

Igreja em saída, que acolhe e vai até as necessidades do povo de Deus. “Nesta perspectiva é que a *Gaudium et Spes* desenvolve toda a sua reflexão, afirmando a história humana não simplesmente como exílio, algo a ser simplesmente suportado, mas como lugar de construção do humano, ‘matéria-prima’ do Reino de Deus” (MANZATTO, 2009, p. 81). O Concílio Vaticano II evidenciou que a Mãe Igreja se preocupa com os seus filhos, não é uma utopia, é a expressão da autoridade de seu Magistério que, assim como Cristo, quer à salvação do “homem concreto”, inserido em um contexto, situado numa pluralidade de crenças, que tem problemas, alegrias e fadigas.

Com o Vaticano II temos o florescimento de uma nova eclesiologia, formada por uma nova compreensão do pluralismo eclesial e pela inserção da tradição ecumênica na Igreja Católica, bases para a superação de tendências ao dogmatismo que exclui o diálogo. A Igreja não tem seu fim em si mesma como instituição, mas é sinal de Cristo, templo do Espírito Santo, sacramento do Reino (LG 5; 48). Ela é o povo reunido na Aliança e vocacionado a ser um só povo, uma só família de Deus. Este povo organiza-se na história por tradições diferentes, no âmbito cultural e religioso. Ou seja, o tema ecumenismo ganha corpo dentro do âmbito conciliar, trata-se agora de um elemento constitutivo e expressão da nova visão de Igreja (WOLFF, 2019, p. 58). Assim, o ecumenismo deve interessar a todos, fiéis e pastores, cada um em sua condição e competência (UR 5); ele possibilita a renovação da Igreja, condição para manter a fidelidade à sua própria vocação (UR 6) e exige a conversão do coração e da mente, a humildade e a generosidade para com os outros (UR 7).

A postura da Igreja com o Concílio Vaticano II e de uma Igreja em saída é uma postura de alegria por causa do Evangelho, uma alegria que enche a vida daquele que se coloca em missão, uma alegria que enche todo o Corpo Místico. Lembra-nos a *Evangelii Gaudium*: “A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (2013, n. 24). A postura de respeito e diálogo com as outras profissões de fé cristãs se traduzem num movimento de conversão pastoral, como também nos lembra o documento de Aparecida, “que implica escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (2007, n. 366). Ou seja, a Esposa de Cristo é chamada a assumir o seu caráter mais profundo de configuração a Nosso Senhor Jesus Cristo:

Carece, portanto, de fundamento toda a teoria ou modo de proceder que introduza entre homem e homem ou entre povo e povo qualquer discriminação quanto à dignidade humana e aos direitos que dela derivam. A Igreja reprová, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião. Consequentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, “observando uma boa conduta no meio dos homens” (1Pd 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens, quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus (NA, 5).

Na mesma linha de raciocínio teológico, o Papa Francisco em seu método nos possibilita uma mudança de mentalidade ao refletirmos o caminhar juntos e o desenvolvimento de formas dialogais que revisitam e dão corpo ao que foi preconizado pelo sagrado Concílio. Como ele mesmo afirma é somente como o legítimo amor de Deus “que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade” (EG, 7). Francisco “atualiza” e nos lembra constantemente que o objetivo do Concílio não foi proclamar anátemas e sim uma necessidade pastoral, colocando em relevo o “*aggiornamento*” (BARREIRO, 1974, p. 34). Tratou-se e permanece como paradigma a todos nós não a simples ideia ou movimento de atualização e “*adaptação*” da doutrina da Igreja e suas estruturas, mas sim o aprofundamento de suas raízes para atingir sua santidade mais autêntica em cada momento histórico/existencial. Os novos tempos não necessitam de condenações, necessitam antes que se diga o que de positivo se deve fazer. Aliás, é muito mais necessário à Igreja, em seu magistério de caráter prevalentemente pastoral, mostrar a beleza de sua doutrina cristã do que atacar ou condenar o negativo e “errado” existente nas outras doutrinas. Estamos falando uma profunda renovação espiritual de toda a vida da Igreja – *aggiornamento* – às novas exigências da atualidade, mantendo-se fiel ao testemunho do Senhor.

## **2. Papa Francisco e o vínculo eclesial das igrejas**

Na ocasião do discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, em 6 de maio de 2022, o Santo Padre é incisivo:

Hoje não é possível, não é viável para o cristão caminhar sozinho com a própria confissão. Ou caminhamos juntos, todas as confissões fraternas, ou não progredimos. Hoje a consciência do ecumenismo é tal que não se pode pensar em seguir o caminho da fé sem a companhia de

irmãos e irmãs de outras Igrejas ou comunidades eclesiais (FRANCISCO, 2022, não paginado).

Francisco nos lembra que para o cristão caminhar sozinho não é uma opção. O pensamento fechado e estagnado de muitos que se dizem cristãos se traduzem em sérios obstáculos ao ecumenismo. Em meio a pluralidade de confissões cristãs que existem é muito comum (e não poderia ser diferente) encontrarmos fiéis professando que Jesus é amor, é o rosto misericordioso do Pai...; mas devemos também nos perguntar: o que as Igrejas (e isso inclui também a Igreja Católica) fizeram e o que elas podem fazer para “o desenvolvimento de uma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social?” (FT, 154). Refletir sobre tal questionamento é abrir a consciência para a vivência autêntica do Evangelho, a graça de Deus.

Tais questões devemos pensar em conjunto, pois o cristianismo em seus primórdios fazia exalar o odor de sua essência, quando “todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum” (At 2,44). Hoje, mais do que nunca, diante de tantas necessidades, é imprescindível o resgate desta essência cristã e já podemos vislumbrar vários movimentos neste sentido graças a orientação e a assistência do Espírito Santo que, no coração das Igrejas, tem despertado o desejo de unidade pela qual o Senhor rezou e entregou sua vida. O Decreto *Unitatis Redintegratio* nos orienta que o movimento ecumênico acontece nas “atividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos” (n. 4). À vista disto, ignorar as divisões entre cristãos, seja por comodidade ou por submissão, torna-se uma postura pouco inteligente diante da missão evangelizadora de Cristo que nos provoca – como por exemplo, os desafios humanitários atuais – sendo ainda uma postura que em muito favorece um terreno fértil para conflitos e discórdias. A vivência do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo interpela-nos, assim como Ele próprio questiona o mestre da lei diante da parábola do bom samaritano: “qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: ‘Aquele que usou de misericórdia para com ele’. Jesus então lhe disse: ‘Vai, e também tu, faze o mesmo’” (Lc 10, 36-37). Jesus espera que sigamos o exemplo do samaritano na promoção do Reino de Deus.

Nesta perspectiva, caminhar juntos é uma necessidade entre os cristãos; esta constatação não é algo da modernidade, é uma realidade intrínseca do cristianismo que infelizmente ao longo dos tempos foi colocada em segundo plano. Atualmente, o caminhar juntos, a sinodalidade, está em foco não por conta de um modismo, mas “porque

foi o Espírito Santo que despertou este sentido de ecumenismo e fraternidade” (FRANCISCO, 2022, não paginado). Por conseguinte, fulgura de forma paradigmática o Concílio de Niceia, o primeiro concílio ecumênico que discutiu a fé cristã, um acontecimento de reconciliação para a Igreja, que de forma sinodal reafirmou a sua unidade ao redor da profissão da própria fé e se manifestou também a nível da “sinodalidade universal da Igreja como forma de vida e organização da comunidade cristã” (FRANCISCO, 2022, não paginado). O estilo adotado no passado, em Niceia, pode iluminar o caminhar ecumênico dos dias atuais e nos proporcionar ações concretas para o restabelecimento da unidade dos cristãos. Ou seja, é preciso que sigamos em frente sempre visando a unidade, pois como nos diz o Papa Francisco “não podemos esperar para percorrer o caminho da unidade até que os teólogos se ponham de acordo” (2022, não paginado). É fato que o trabalho desempenhado pelos teólogos é de suma importância, não poderia ser de outra forma, mas devemos ser sensatos e realistas para concordarmos que a plena concordância entre eles se situa numa alçada utópica. Então, surge a pergunta: como caminhar juntos como cristãos frente a tantas diferenças e atritos? A resposta com certeza não pode ser simplória, porque a temática é densa, porém sem esvaziar tal propósito afirmamos que tal tentativa deve passar pelo caminhar como irmãos, pelo respeito, pela promoção da paz, pelas obras de caridade, pela busca da verdade, pela oração conjunta. Esta é uma fraternidade que diz respeito ao mais íntimo de cada homem e mulher. Fraternidade que diz respeito a todos nós, ainda que nos pese diversas divergências de credos.

### **3. O reconhecimento das outras igrejas**

Em nome da fraternidade e de um caminhar juntos, é importante o verdadeiro reconhecimento eclesial das diferentes Igrejas no modo como elas apresentam sua consciência eclesial, ainda que nós católicos não possamos compartilhar com elas todas as suas convicções. A unidade pede que cristãos católicos e (inclui também ortodoxos) mudem o olhar do “status eclesial” conferidos às Igrejas oriundas da Reforma que se iniciou no século XVI.

Não se trata de dizer que são Igrejas “iguais a nós”, mas de entender como se afirmam Igrejas por si mesmas, de um jeito próprio. E que as diferenças e especificidades eclesiológicas não diminuem o estatuto

teológico da sua consciência eclesial, se consideradas por si mesmas (WOLFF, 2019, p. 67).

Nas palavras do Papa Francisco: “Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (EG, 246)”. Nós cristãos católicos, a partir da nossa experiência de fé e de sabedoria que se vem sendo acumulada no decurso dos séculos e do aprendizado que nossas inúmeras quedas e fraquezas têm nos proporcionado, precisamos compartilharmos com os crentes das diversas Igrejas que é um bem para as sociedades tornar Deus presente. “Buscar a Deus com coração sincero, desde que não o ofusquemos com os nossos interesses ideológicos ou instrumentais, ajuda a reconhecer-nos como companheiros de estrada, verdadeiramente irmãos” (FT, 274). Esta visão toca no que exaustivamente vem sendo trabalho no papa de Francisco em nome da sinodalidade. Afinal, “uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, consciente de que ‘escutar é mais que ouvir’” (EG, 2013, n. 171). O Papa Francisco tem retomado a metodologia da *Gaudium et Spes* ao encontrar ali elementos singulares que fazem a Igreja partir da vida real em seus pronunciamentos. “Igualmente insiste que se deve considerar a situação real de cada ser humano às voltas com seus condicionamentos, antes de proferir um juízo moral” (EG, 2013, n.44). Com esta postura, Francisco não descarta o *depositum fidei*, muito pelo contrário, ele o conserva muito bem, para tanto, entende que a Igreja no seu papel de *Universale Sacramentum Salutis* deve ser a primeira a se importar com a sua ação pastoral frente a uma realidade completamente complexa e exigente como a que enfrentamos em meio à pluralidade de Igrejas cristãs. “Desse modo, manifesta um profundo respeito à trajetória pessoal de cada fiel, evitando descarregar sobre ele normas gerais, com precisão da capacidade individual de acatá-las” (MIRANDA, 2021, p. 43). Por isso que, parafraseando o papa, falar em Igreja Sinodal será sempre recuperar a correta compreensão da autoridade na Igreja (MIRANDA, 2021, p. 44). Na visão de Francisco a Igreja do diálogo pode desenvolver o que foi preconizado pelo Concílio Vaticano II:

Não se trata apenas de repetir sempre o que o Vaticano II disse, como se fosse uma verdade definitiva em tudo, sem esperar nenhuma evolução na compreensão das Igrejas evangélicas. Pelo contrário, a partir do ensino do concílio deve-se avançar na busca daquilo que era o ideal do concílio, a comunhão real e plena entre as Igrejas (WOLFF, 2019, p. 69).

Ora, se somos discípulos missionários de Jesus a única autoridade que nos cabe é a do serviço, do diálogo, da proximidade e o único poder só pode ser o da cruz. Logo, viver a sinodalidade que Francisco nos propõe é cancelar o aceite de uma abertura frutífera do caminhar com o outro no respeito às diferenças e focar naquilo que nos une, vivendo as alegrias do Evangelho. É estar aberto a uma vida plena, santa, que tem a capacidade de promover e experienciar a concórdia e a justiça trazidas pela Boa Nova de Cristo àqueles que ainda não fizeram tal movimento; é estar profundamente absorvido pela prática do amor. “O amor criativo cura a vida doente, acolhe a vida estranha, respeita a vida tornada desprezível e embeleza a vida disforme” (MOLTMANN, 2004, p. 59). Sob esta luz, o ecumenismo revela-se como uma contribuição para a unidade da família humana.

### **Considerações finais**

Em linhas gerais, vemos que o “Concílio não é o ponto de chegada do ecumenismo para os católicos, mas o ponto de partida” (WOLFF, 2019, p. 54), a aproximação da teologia do Papa Francisco com os documentos levantados e suas correlações nos possibilitam uma reflexão profunda a respeito do pensar e ser Igreja na atualidade. Os documentos nos esclarecem como deve ser a postura dos cristãos chamados a ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5, 13-14) frente aquilo que se relacionam com a dignidade da pessoa humana, sua vivência em comunidade, a relação com o diferente, o sentido da sua atividade, a função da Igreja, a promoção da paz e fraternidade em vista da construção de um mundo novo e poder levá-lo ao seu fim, “todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus” (GS, 1964, n. 24). Muitas críticas foram tecidas diante dessa visão positiva do Concílio para como o mundo e principalmente com o método teológico de Francisco, mas é preciso lembrar que Deus quer a salvação de todos a partir de sua realidade, da sua situação na história. Assim, a visão positiva que o Romano Pontífice tem da Igreja apresenta uma importante contribuição para que o pluralismo eclesial não seja motivo de embates e discórdias, mas de “inovação”, sempre à luz do Evangelho. Provoca-nos o sair de uma consciência fechada para o lançar-se com coragem e ousadia para a missão originária de toda a Igreja. Trata-se de uma mudança de perspectiva, um novo olhar pastoral, a vivência de uma fé encarnada, o encantar-se novamente com a essência do Evangelho que deve ser assumido como prática de vida sustentada pelo duplo mandamento do amor.



## Referências

- BARREIRO, A. A Figura Carismática de João XXIII e seu Programa Conciliar de “Aggiornamento”. Belo Horizonte. **Síntese**. v. 1 n. 2 (1974). Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2630>>. Acesso em: 16 mai 2023.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2017.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: VIER, Frederico (Org.). **Compendio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - CELAM. **Texto conclusivo da Conferência de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americana e do Caribe. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2021.
- FRANCISCO, Papa. **Encontro Ecumênico e Inter-religioso**: Discurso do Santo Padre na viagem apostólica ao Quênia, Uganda e república centro-africana. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151126\\_kenya-incontro-interreligioso.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151126_kenya-incontro-interreligioso.html)> Acesso em: 20 ago 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MANZATTO, Antonio. Fundamentos Teológicos da Gaudium et Spes. **Revista de Cultura Teológica**. v. 17 - n. 68 - JUL/DEZ 2009.
- MIRANDA, M. F. **Igreja Sinodal**. São Paulo: Paulinas, 2021. (Teologia do Papa Francisco).
- MOLTMANN, J. **Experiências e reflexão teológica**. Caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- PASSOS, J. D. **Método Teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Teologia do Papa Francisco).
- PAULO VI, Papa. **Declaração Nostra Aetate**: sobre a Igreja e as religiões não-cristãs. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PAULO VI, Papa. **Decreto Unitatis Redintegratio**: sobre o ecumenismo. São Paulo: Paulinas, 2005.
- WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2019.

Recebido em: 19/09/2023

Aprovado em: 04/12/2023